

RESENHA: A DÉCIMA PROVINCIALES, DE BLAISE PASCAL
REVIEW: BLAISE PASCAL'S TENTH PROVINCIALE

Andrei Venturini Martins
Doutorando em Filosofia ,PUC-SP
dreivm@ig.com.br

La Décima Provinciale, de Blaise Pascal. In : PASCAL, Blaise, *Les Provinciales*. Paris: Aux Éditions du Seuil, 1963. (Louis Lafuma, *Oeuvres Complètes*, Paris: Aux Éditions du Seuil, 1963 – Préface d' Henri Gouhier).

Resumo: Nesta *Provinciale*, Pascal mostra como podemos usar de um recuso da tradição para defender a moral das Sagradas Escrituras. Tal recurso é a ironia, que é usada contra a *relâchement des mœurs* causados pelos jesuítas.

Palavras-chave: Ironia, Recurso da Tradição, Defesa da moral Cristã.

Abstract: In this *Provinciale* Letter, Pascal teaches how it is possible to recur to tradition in order to defend the morale of the Sacred Scriptures. Such a recourse is irony, which is employed against the “*relâchement des mœurs*” by the Jesuits.

Keywords: Irony, Recourse to Tradition, Defense of the Christian morale.

Na décima primeira Provincial, Pascal tenta responder à acusação de ridicularizar as coisas santas. Ele salienta, ironicamente, que os jesuítas possuem uma imaginação bem apurada a tudo que diz respeito às verdades da fé, que não poderemos conhecê-las sem nos enganar, ao passo que as decisões dos jesuítas, inclusive as de Escobar, teólogo reconhecido, só poderão ter como consequência o riso. Logo, a pregação jesuíta, assim como os livros que eles publicaram, é risível, pois em cada caso há uma solução que faz dos erros mais grotescos, virtudes desejáveis.

Será, pergunta Pascal, que é possível que os autores jesuítas escrevam tão mal ou algo minimamente razoável? Usam como álibi a acusação de tornar as coisas santas ridículas, salientando que Pascal desdenhou dos livros que os teólogos jesuítas publicaram; todavia, em resposta, Pascal salienta que viver a moral jesuíta é distanciar-se do evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Diante disso, Pascal deseja mostrar ao leitor algumas diferenças conceituais sobre tudo que diz respeito ao riso.

Há uma disparidade entre “rir da religião, e rir daqueles que profanam a religião por suas opiniões extravagantes” (PASCAL, 1963, p. 419). A impiedade dar-se-ia na falta de respeito com as verdades reveladas por Deus àqueles que o temem, de forma que seria outra forma de impiedade, esta porém, ainda mais grave, não desprezar as falsidades que o espírito do homem impõe diante das verdades da fé. Para Pascal, é o espírito de Deus que deve ter a supremacia. Desse modo, “[...] como as verdades cristãs são dignas de amor e de respeito, os erros que lhe são contrários são dignos de desprezo e de ódio [...]” (PASCAL, 1963, p. 419).

O desprezo e o ódio que o cristão deve cultivar são proporcionais ao amor que ele deve ter naquilo que diz respeito às verdades da religião. Assim, há duas coisas nas verdades da religião cristã: *primeira*, há uma beleza divina que torna tais verdades amáveis; *segunda*, há uma santa majestade que as torna veneráveis. Todavia, assimetricamente às duas verdades acima aquilata-das, há também dois erros: *primeiro*, a impiedade que torna os erros horríveis; *segundo*, a impertinência que os torna ridículos. Ora, dizendo de outra forma, a beleza da religião cristã é antônimo da impiedade, assim como a venerabilidade da religião cristã é antônimo da impertinência.

Os valores antes mencionados podem outorgar os critérios para santidade. Os santos têm sempre como verdade os sentimentos de amor e temor, de modo que o temor é o princípio deles, assim como o amor é seu fim. Desse modo, os santos sempre estão em sintonia com a vida em Cristo, tendo constantemente em seus horizontes os sentimentos de ódio e desprezo em relação com aquilo que não é de Cristo. Portanto, os santos possuem sentimento de ódio e desprezo manifestos como uma forma de testemunhar a vida em Cristo: o riso e o desprezo em relação às coisas do mundo é um protesto daqueles que querem viver a santidade ao pé da letra e movido pelo espírito do próprio Deus.

Nesse espírito de santidade, encontram-se os Padres da Igreja, ou seja, testemunhas autorizadas da fé. Para tais homens, a zombaria é uma prática comum, autorizada pela Escritura e pelo exemplo dos maiores santos de Deus (Cf. PASCAL, 1963, p. 419). Tal prática revela-se em um Deus que odeia e despreza conjuntamente os pecadores: “Em vossa morte eu rirei e zombarei” (PASCAL, PROV. 1,26). Ora, no momento mais deplorável e mais triste da condição humana, Deus acrescentará a zombaria e o riso da vingança, pois a morte é fruto da desobediência de Deus.

Pascal salienta que, depois do pecado, Deus zomba do homem dizendo: “eis o homem que se tornou como um de nós” (Gen. 3, 22). Deus é irônico, diz Pascal, pois a zombaria de Deus depois da condenação parece ser mais séria. Dito de outro modo: a zombaria é uma ação de justiça, pois ela faz o homem rever seus erros. Para corroborar tal interpretação bíblica, o escritor das *Provinciais* sustenta a interpretação citando diversos autores, entre eles, quem não poderia faltar de modo nenhum, Santo Agostinho: “Os sábios riem dos insensatos, porque eles são sábios, não de sua própria sabedoria, mas daquela sabedoria divina que rirá da morte dos maus” (PASCAL, 1963, p. 420).

Depois dessa última afirmação, Pascal salienta a ironia de Cristo em relação a Nicodemos e, por esse motivo, quantas pessoas fariam de si mestres em relação aos cristãos “que podemos ser salvos sem jamais ter amado a Deus em toda sua vida” (PASCAL, 1963, p. 420). Eis a ironia pascaliana! Dessa maneira, quando o cristão serve-se da ironia com destreza, é um dever usá-la, assim como os Padres da Igreja e Santo Agostinho o fizeram.

No caso da polêmica com os jesuítas, o assunto leva em si mesmo o riso: a) o um religioso recebe dinheiro para rezar uma missa; b) um religioso não é excomungado por abandonar seus hábitos quanto ele o faz para dançar, furtar ou ir a lugares devassos disfarçadamente. Portanto, diante desses comportamentos, é preciso empregar a força das Escrituras e da tradição para “rir dos erros sem ferir a decência” (PASCAL, 1963, p. 421).

O cristão deve escrever para entorpecer seus leitores e não permitir que os erros mais extravagantes tomem conta do cristianismo. Logo, combater os erros não é faltar com a caridade, mas uma reação contra aqueles que produzem um *relâchement des mœurs* (PASCAL, 1963, p. 421) da religião. De modo que aquilo que os casuístas difundem quanto à moral é vergonhoso e pernicioso à Igreja; naquilo que diz respeito aos costumes, são escandalosos e desmedidos; quanto ao ódio com o qual sustentam suas ideias são opiniáticos e violentos (Cf. PASCAL, 1963, p. 421). “É que o espírito de caridade leva a ter dentro do coração o desejo de salvação daqueles contra quem falamos [...]” (PASCAL, 1963, p. 422).

Pascal, na citação acima, revela seu posicionamento diante da confusão que existe na moral casuística dos jesuítas: o cristão encaminha a Deus suas preces para a salvação e misericórdia dos jesuítas, todavia, direciona aos homens uma crítica por constatar os erros desses mesmos homens. Pascal é alguém disposto a enfrentar essa guerra e revelar ao mundo, no momento propício, os erros dos combatidos.

Referência

BLAISE, Pascal. Onzième lettre écrite a un provincial pour un de ses amis. In: _____. *Ouvres complètes*. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, pp. 419-424.

Recebido em outubro de 2008.
Aprovado em dezembro de 2008.